

Mulheres brancas

A princípio parece simples: Rosa Esteves explora e propõe que se adentre o universo de figuras esculpidas. Figuras de mulher, inteiras ou em partes. Ao longo dos anos a artista vem elaborando uma intrincada teia de corpos que se manifestam através das mais estranhas matérias: barro, madeira, papel, areia, chocolate. Tanto nesse percurso quanto nestas mulheres brancas, encontramos a artista como matriz.

No corpo pode adormecer ou acordar a memória da vida. Corpo de carne. Corpo de pedra. Corpo de luz. É isso que temos, trazido pelo olhar e mãos de Rosa: uma mulher, talvez várias, desdobrando-se através de mais de uma matéria e de mais de um momento.

O resultado final aqui apresentado, o percurso que fazemos para alcançar as imagens fotográficas, resultam de três passagens que modelam manifestações da vida de uma mulher, desdobrada: através da carne, da pedra e da luz. Se essa vida foi imaginada ou efetivamente vivida, pouco importa. Se a pose tornada pedra foi de um corpo vivo, é irrelevante.

E se assim for, ou seja, se é verdade que esses corpos todos podem conter neles a passagem da vida traduzida em tempo, mais do que reter, a artista nos mostra que se tal vida está aprisionada através da luz dos corpos, ao mesmo tempo está liberta através do gesto de fotografar.

Quase é possível ouvir os passos da artista e perceber seu movimento em torno de cada escultura e o momento em que seu próprio corpo se imobilizou. E aqui temos as imagens finais gravadas em luz, particularizadas pelo encontro, impressas em branco e preto, espacializadas, à espera de outros olhares.

A interferência, a fragmentação, a liberdade de transitar pelos materiais e meios pauta-se pela persistente investigação de Rosa sobre o movimento, o tempo e o lugar da mulher, traço dominante do seu trabalho. A passagem da tri para a bidimensionalidade, implica em escolhas que só poderiam ocorrer após o percurso da artista ao redor das esculturas.

A fixação de um ponto de vista oferece ao público um olhar particular. Pode-se notar que não há um especial interesse pela escultura enquanto tal. A transição dos meios, a transposição de tempos e espaços, parece suscitar possíveis narrativas: onde a carne que originou esse corpo de pedra, essa expressão por vezes humana? E o que essa pedra, tornada corpo, conta dessa possível mulher? E a fotografia, nos diz quantos anos esse corpo viveu? Por onde andou? Teve filhos? Foi feliz? Casou-se? Quando morreu? Amou? Qual a origem de seu prazer? E sobre a sua dor?

Sair da bidimensionalidade das fotos e avolumar a narrativa, entrever identidades, revolver as próprias memórias, parece ser uma proposta aberta ao público que percorre o espaço instalacional.

Rosa busca formular uma linguagem. Por aí caminha sua investigação de materiais, formas, procedimentos: para alcançar um vocabulário específico que instaure, em algum momento, um discurso sobre a mulher. É o mistério que interessa. E este vem sendo evocado através de sua obra.

Mulheres brancas. Como páginas brancas. Suas vidas são desenhadas nas fronteiras instáveis da memória, do imaginário, em fluxo incessante. E assim é revertida a via da imagem feita de luz à pedra, e dessa à carne, mais uma vez. Mulheres reinventadas em vidas, talvez nunca vividas, possíveis apenas à medida em que são vistas, sentidas e pensadas.

Neide Jallageas, 2013